GONZAGA LAMBO

CANCIONEIRO POPULAR ANGOLANO

(SUBSÍDIOS)

EDIÇÃO DA CASA DOS ESTUDANTES DO IMPÉRIO
L I S B O A

TÍTULO: Cancioneiro Angolano
AUTOR: Gonzaga Lambo
1.ª Edição: Casa dos Estudantes do Império.
Série Etnografia. Lisboa 1962
Composição e impressão: Editorial Minerva. Lisboa
2.ª Edição: União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa (UCCLA)
A presente edição reproduz integralmente o texto da 1.ª edição.
Artes Finais da Capa: Judite Cília
Composição e Paginação: Fotocompográfica. Almada
Impressão: Printer Portuguesa. Mem Martins

Esta edição destina-se a ser distribuída gratuitamente pelo Jornal SOL, não podendo ser vendida separadamente.
Tiragem: 45 000
Lisboa 2015
Depósito Legal: 378 499/14

Apoios Institucionais:

COLECÇÃO AUTORES ULTRAMARINOS

GONZAGA LAMBO

CANCIONEIRO POPULAR ANGOLANO

(SUBSÍDIOS)

1962

EDIÇÃO DA CASA DOS ESTUDANTES DO IMPÉRIO

LISBOA

COLECÇÃO AUTORES ULTRAMARINOS

SÉRIE LITERATURA

N.º 1 — *Amor* (Poemas, 1960) de M. António
N.º 2 — *A Cidade e a Infância* (Contos, 1960) de Luandino Vieira
N.º 3 — *Fuga* (Poemas, 1960) de Arnaldo Santos
N.º 4 — *Poemas* de Viriato da Cruz (1961)
N.º 5 — *Poemas de Circunstâncias*, de António Cardoso
N.º 6 — *Terra de Acácias Rubras*, de Costa Andrade
N.º 7 — *Kissange*, de Manuel Lima
N.º 8 — *Poemas* de Agostinho Neto (1961)
N.º 9 — *Poemas* de António Jacinto (1961)
N.º 10 — *Poesias* de Alexandre Dáskalos (1961)

SÉRIE ETNOGRAFIA

N.º 1 — *Cancioneiro Popular Angolano* (subsídios) de Gonzaga Lambo

À GUISA DE INTRODUÇÃO

Da minha curiosidade pelo complexo humano, resultou o impulso de investigar os motivos da minha afectividade pela África, trago de saudade que absorvo nas horas do isolamento condicional, e tentar apagar na ardósia do destino o subjectivismo negativo eurocentrista, pegando luz à vela da objectividade negro-africana. Assim, como se escrevesse à minha amada, saudoso pulsar do meu coração e fervura do meu sangue, eu sinto uma deliciosa emoção à convicção de a pena que manejo, ir derramar sacadas de luz sobre uma demopsicologia que se individualiza numa vivência leviana ou sistemàticamente ignorada.

Contràriamente à «Antologia da Poesia Negra de Expressão Portuguesa», edição de Pierre Jean Oswald (Paris) e autoria de Mário de Andrade, adstrinjo o meu estudo ao sentir do negro analfabeto, primitivamente expresso na língua aborígene.

Num prurido de ideias preconcebidas, talvez a comodidade de preferir moldes prè-estabelecidos a uma investigação mais trabalhosa, doutrinaria um Álvaro de Montenegro, em « Raça Negra Perante a Civilização»:

> «Que raça, pois, é esta que não observa os fenómenos e os canta apreensiva?
> Dir-se-ia não pensar e que, ao contrário dos outros povos, não perscruta a natureza»[1]

O Cancioneiro Popular Angolano, porém, é reivindicativo da virtualidade analítica do negro, prelúdio de um impulso que estagnou à falta de energia estimulante, centelha de luz amortecida no negativismo social.

---

[1] Op. Cit. pág. 73 — 2.ª ed.

Para os conhecedores do mundo negro, seja pelo interesse humanístico e seja pela universalidade cristã, especialmente pela identificação étnica, a linha de apreciação situar-se-á em sentido diagonalmente oposto ao do supramencionado autor. Chegarão a conclusões diferentes daquelas a que chegaram simples preconceitos, que reputamos de aleijões caricaturais da estética mental, quando não pura inépcia a pretender empoleirar-se no zero. Louvor franco seja tecido a observadores objectivos e imparciais. Angola, como terra e povo, é um poema longo e profundo que os homens ainda não conseguiram ler e compreender.

No trabalho ou no descanso, na alegria ou na tristeza, o canto é companheiro quase inseparável do negro. Dir-se-ia ser ele o seu cajado de apoio na escalada da vida e o túmulo feliz onde esconde a taça amarga da existência. Nos Espirituais negros, no Jazz, no Twist, no Rock and Roll, no Samba e não sei que mais... estilo New-Orleans ou Chicago, Ceará ou Pernambuco, podemos sentir a etnia negra a comunicar-se no ritmo.

Não estudarei o cancioneiro de toda Angola, curioso mosaico de línguas, mas tão sòmente o daquela parcela que exprime os seus sentimentos em umbundu, podendo-nos servir de trampolim para o resto dessa epopeia desconhecida.

Quanto ao seu conteúdo ideológico, largamente multifacetado, seria loucura pretender abordá-lo nos seus pormenores e na sua vastidão, em tão reduzidas páginas que me é possível escrever. Tentarei sòmente uma circunspecção de síntese sobre esse cancioneiro, de que apresento apenas algumas canções de amostra, e cuja autoria é da massa anónima, geralmente coisificada nos seus valores intrínsecos.

Assim, auscultando com interesse essa manifestação popular, surpreender-nos-á uma criação impregnada de lirismo, representativa das suas concepções filosóficas sobre o mundo e sobre o homem perante a existência. Num esforço de análise comparativa, descobriremos nesse Cancioneiro Popular Angolano tipos de cantigas de amor, de amigo, de escárnio, etc. Dados seguros para a historiografia do povo, encontrá-los-emos nas canções que fixam fenómenos sociais. A sua religião, em confusão íntima com tótemes e talismãs, também encontrou arquivo seguro nessa expressão espontânea do povo. Ainda aí encontramos indícios de uma mitologia começada mas não continuada. Enfim, a vivência íntima do povo, as suas reacções ante o fenómeno existencial, tudo podemos ler no seu cantar.

De estilo marcadamente sintético e elíptico, quase com o propósito de nos recordar um Sá de Miranda, superabunda em figuras, imagens e metáforas refinadas, de sentido nem sempre fácil de compreender, mas sempre nascido na realidade da vida:

> Por aqui passou a cobra dos rios.
> Eu te previno:

O mundo da noite
Acaba na água.

—

Filhinho da cabra
Passa entre pernas.
E cabra grande?

—

Onde o coração vai batendo,
Nasceu urso formigueiro.
Por que o lagarto meneia a cabeça,
É segredo do seu coração.

Para lá da estrutura grosseira dos seus versos, tema em geral livre e ritmo em função ao estado psicológico, fascina um caleidoscópio de ideias e surpreende o oiro emocional de sentimentos, de certo não atingidos pelo leitor, alheio à vivência africana. Para suprir essa natural incompreensão, faço seguir as canções, uma por uma, dos respectivos comentários, sucintos por imposição das circunstâncias mas que reputo suficientes nos seus traços essenciais, para esclarecer e diamantizar o conteúdo ideológico dessa espontânea exteriorização da alma negra, cujos factores intrínsecos descobriremos na Natureza observada, na vivência e condição social.

1

Numa cova muito funda	Muakuluka
Ficou-se a Donga.	Muasala Ndonga.
Palavrinha que ouvi da moça,	Kandaka k'ufeko
Muitas saudades me deixou.	Kasila ongeva.

2

— Bone,	— Bone,
Josefina chamou-te.	Ndjosefina wakukavenga.
O nome da Angelina	Onduko ya Ndjelina
Escreveu uma carta.	Yasonehã ukanda.
— Carta!	— Ukanda!
Que diz a carta?	Ukanda nhe wapopia?
— Que há por lá muitas saudade.	— Heti kulo ongeva yalua.
— Não vou, não, não vou	— Siya, siga hele...

3

Abel complicou-me:	Ambele wanatamisa:
Tenho os seios caídos	Evele liakupuka ale,
E ele que inda sou nova!...	Eye halopo hati vumola!...

4

Esqueci, ó mãe...	A mãyi daevala,
Esqueci o capacete do rapaz.	Daevala okapasete k'ukuenjde,
Esqueci, esqueci.	Daevala, avoyo.

5

Jóni, ai Jóni!	A Ndjoni! a Ndjoni!
Eu gosto de Jóni,	Ame dusole,
Mas a mãe dele não me quer...	Eti ina yae katava...

6

Sendo rapariga,	Nda ndufeko
Eu não quero amigo;	Silavi ekamba,
Meu amigo,	Ekamba liange k'okalundu.
É só no cemitério.	Elongo we! elongo!

1

Para quem alguma vez sentiu amor no coração, torna-se desnecessário explicar o vácuo que lhe abre na alma a ausência da sua bem amada, criando-lhe um mundo totalmente pessoal.

Se é doloroso amar sem ser amado, para o que há remédio da indiferença, irremediàvelmente doloroso se torna perder na morte o amor que nos amou, porque o esquecimento pertence à memória e não ao coração.

O namorado foi assistir ao enterro da sua bem-amada — Donga. Sentiu a terra que caiu sobre ela. Hoje, repassado por um que quer amargo, suspiro e saudade, sofre apenas a ilusão de ainda ouvir a voz meiguinha e sentir o gesto enternecedor de quem lhe foi com a alma para a sepultura.

2

Josefina é amiga da Angelina, namorada de Bonifácio (Bone). Ela transmite recados de saudades entre os dois apaixonados. Angelina mandou escrever uma carta para Bonifácio, sendo portadora a amiga Josefina. E Bonifácio, que explode de alegria ao ouvir pronunciar o nome da Angelina, como quem não quer a coisa, responde que não, mas um não enfático.

3

Abel é um padre. A rapariga, sentindo a puberdade, testemunhada pelo amadurecimento dos seios, apresenta-se ao padre para tratar do seu casamento. Num meio social, porém, onde faltam certidões fiéis de nascimento, a idade é avaliada por estimativa. E o padre, vendo a rapariga, baixinha e fisicamente pouco desenvolvida, recusa-lhe o casamento, alegando que é ainda muito nova. Mas ela, cônscia da sua puberdade, olha para os seios maduros como único argumento válido.

4

Pretexto que a rapariga dá para a mãe a deixar sair de casa, a fim de se ir encontrar com o amado. Vai procurar o capacete do amigo, que ela esqueceu algures.

5

A moça está doentiamente apaixonada por Jóni, mas, estupidez e complicações de famílias, a mãe de Jóni não gosta dela para nora.

6

Morreu-lhe o namorado que muito amava, e jurou nunca mais amar um vivo. Meu namorado irei arranjá-lo de entre os mortos do cemitério, pois esses não morrem mais.

7

Em casa de minha mãe,
Já estou muito tempo.
Tenho os seios maduros;
Vem buscar-me, José.

V'ondjo ya mãyi,
Ndeya mo osimbu.
Evele liatenduka;
Ndondjupe, a Suse.

8

Nossos manos o deixaram,
Nossos queridos o deixaram.
Donde, pois, há-de isso vir
De se estreitarem homem e mulher?

Vakota vatchisia,
Vambuale vatchisia.
Tchotcho tchitunda pi
Tchokulikondeka?

9

Não me insultes pelo teu marido,
Teu marido é um alpendre:
Abriguei-me apenas à chuva.

Kunukile ku veyove,
Veyove otchimbimbi tchondjo:
Ombela danhama mo.

10

Cachimbo emprestado,
Não sacia o vício;
Marido alheio,
Não acaba a viuvez.

Sipise po
Kamali ekuanhu;
Veya male
Kamali umbumba.

11

Toma atenção, meu irmão,
Toma atenção e ouve:
Candeeiro sobre a mesa,
Rapariga sobre a cama.

Mume wange ndukulungula:
Kandiyelo k'ilu liomesa,
Ufeko k'ilu lio haura.

12

Minha querida amiga,
Eu troco o meu marido:
É frio como o granizo.

Ukuendje wange ndutolokala:
Watalala d'ewe liombela.

13

Do boi não quero,
Não quero, amigas:
Pode aleijar-me.

Luongombe siyongola,
Siyongola, avoyo:
Sanga luneya.

7

Chegada a rapariga à puberdade, seu pensamento dominante é o casamento, obrigação social a que é indecoroso eximir-se. A nova natureza agora adquirida da paixão pelo seu moço, cria-lhe tédio pela casa dos pais. Acresce a própria sociedade que vê com desconfiança a rapariga em idade de casamento ainda solteira. Minha idade já não é para estar em casa dos meus pais, vem buscar-me, pois, meu caro José.

8

Uma jovem que medita na fatalidade universal do amor. Parte isso dos nossos antepassados e arde com o mesmo calor, nos nossos dias. Como teria começado?

9

Cinismo da adúltera a sofismar ante os insultos da mulher legítima atraiçoada. Assim como debaixo de um alpendre, qualquer pessoa se pode abrigar à chuva, sem pedir autorização ao dono da casa, assim também a livre vontade de um homem pode servir de passatempo a qualquer mulher.

10

Da mesma maneira que um cachimbo provisoriamente emprestado por um amigo, não satisfaz completamente a nossa vontade, assim também um marido alheio nunca nos há-de satisfazer como se fosse o nosso.

11

Uma irmã a dar conselhos de marido ao mano.

12

Confidências íntimas de casadas sobre os maridos. Põe-se em evidência o desejo incondicional da negra em possuir filhos, cuja impossibilidade é motivo suficiente para o divórcio.

13

Comentários espirituosos entre a juventude feminina.

14

De quem gostas, não gosta de ti;	Tchina osole, katchikusole;
De quem não gostas, morre por ti.	Tchina onhale, tchilipilika.
Segue ao mensageiro de quem te ama.	Tchakusola, kuama k'omunga,
Não regateies como uma cabra.	Kàtchokatchoka d'ombambi.

15

Caparandanda chorou,	Kapalandanda walila,
Saudades da sua terra.	Walilila ofeka yavo.
O maquinista sabido	Kapatasi
Deitou a locomotiva a correr.	Watchiyoka otchivela.

16

Meu humbihumbi,	Humbihumbi yange,
Levanta voo e vamos.	Yelela tuende.
Coitado do tchimbamba	Kakele ka tchimbamba
Que se arrasta no chão.	Osasala p'osi.
Teus companheiros voam,	Vakuene vayelela,
Levanta voo e vamos.	Yelela tuende.
Coitado do tchimbamba	Kakele katchimbamba
Que se arrasta no chão.	Osasala p'osi.

17

Filhinho da cabra	Mola ombambi
Passa entre pernas.	Opita v'eyamba.
E cabra grande?	Bambi opita pi?

18

Sakupalika,	Sakupalika,
Grande amor tem esse velho!	Ekongo eli hatchisola ko!
Ao olhar a Delfina	Okuvandja Ndefina,
Sorriu... e riu-se.	Wamemena ko wayola.
Deixaste cair,	Walola we,
Volta os olhos atrás.	Vandja ko nhima walola we,
Olha atrás, deixaste cair a boina	Vandja ko nhima walola ombuena.
— Eu não olho atrás.	— Ame eti sivandji ko vali.

14

Conselhos das mais velhas, em geral tias ou mães, à indecisão caprichosa das raparigas novas, que ilusòriamente aguardam o aparecimento do seu príncipe encantado. Dá valor ao amor que te ama e não percas a tua juventude com o homem que te desconsidera.

15

O velho colono, Caparandanda, lembrou-se da sua terra e chorou de saudades. Meteu-se no barco (admitamos a confusão, analogia ou ignorância do povo entre o barco e o comboio) e largou para os seus.

16

Humbihumbi e tchimbamba são dois pássaros, caracterizado este último pelo seu voo a pequena altura. Alma ansiosa que deseja descobrir um outro mundo, outro modo de vida mais feliz, pede ao humbihumbi que voe com ela mais alto ainda, levando no coração a pena pelos condenados a ficar na amargura da terra que deixa, simbolizados no voo rasteiro do tchimbamba.

17

Vantagens que apenas se permitem à inocência das crianças. Se um cabritinho pequenininho pode ser autorizado a passar entre pernas de uma mulher, a um cabrito grande não se pode conceder igual previlégio.

18

Juventude que repara no amor de um velho, de beiços caídos por Delfins. Quase num desafio trocista, pedem-lhe que desvie os olhos da moça e cuide dos assuntos mais importantes (deixaste cair uma boina). Mas o velho é que não troca a moça pela boina.

19

Elunda é um terreno onde já houve uma aldeia, em geral com fruta e mais gêneros alimentícios. Neste caso, é propriedade de alguém. O neto, para sustentar seu avô, fixou-lhe residência no elunda, pois há fome na aldeia. Mas os donos do elunda aproximam-se, tocando batuque de alerta.

— Fujamos, avô — adverte o neto.

— De novo iremos para a fome? — apoquenta-se o avô.

19

Dum-dum-dum...
Vamos daqui, avôzinho;
Os donos do pousio tocam batuques.

— Para aonde irei, meu netinho?
Trouxeste-me para o pousio,
Lugar onde se mata a fome.

Kubitĩ, kubitĩ, kubitĩ...
A mekulu mba tuende,
Vamuele elunda vasika oloñoma.

— Dila pi, a kanekulu kange?
Wanena Velunda,
V'epange liandjala.

20

Formiguinha não tem fígado,
Seu fígado pô-lo nas ancas.
Lindo é o seu amor.

Kalundjindji kakuete omuma,
Omuma yae wakapa k'oviongo.
Otcisola tchae tchiwa.

21

O sapo coacha na escuridão;
Escondo-me pois agora te vejo.
Tento esconder-me e não posso,
A árvore caiu no caminho.

Tchimboto olilila ko welema;
Solama, ndopo ndukulete.
Osimbu ndisolama katchitava,
Usandje watekela v'ondjila.

22

Encontrei-O, Mbelengendje!
Com medo, não disparei;
Encontrei-O no campo,
Atarefado com os animais.

Ndalisiña embelengendje!
L'usumba, saloyele;
Ndalisiña v'epia,
Litatayala Volonusi.

23

Ouvi choros à madrugada,
Chorava-se a morte de um polígamo,
Que morreu de fartura,
Pois comeu dois pratos,
Um em casa e outro no ndjango.

Ndayeva ko tchiteketeke valila,
Valila u kualuvale wafa l'ekuto,
Omo alia olondilua vivali,
Yimue v'ondjo, yimue v'ondjango.

24

Será verdade, será, menina,
Ser o cará que comeste,
No tempo das chuvas,
Que te germina agora no ventre?

Otchili, otchili, o feko,
Ekapa avalia p'ondombo,
V'imo mutunda o songo?

20

Desafio entre raparigas, umas bem prendadas, boa musculatura, etc., e outras desfavorecidas pela sorte. Àgabarolice das bem prendadas, permanentemente assediadas pelos rapazes, respondem as fisicamente desfavorecidas: assim como a formiga, não tendo o fígado onde todos os animais o têm, mas trazem o seu nas ancas, assim também o verdadeiro valor da mulher reside nas ancas, onde todas as mulheres são iguais.

21

O demónio (sapo) solicita-me na ilusão da vida (coacha na escuridão). Agora que o reconheço, tento evitá-lo e já não posso, pois me surpreendeu a morte (a árvore caiu no caminho).

22

Belenguenje é o Deus dos animais. O caçador encontrou-o a apascentar a caça. Com tal medo, não disparou.

23

Sátira aos polígamos. Ndjango é uma casita muito fora do comum: um tecto sobre três a quatro forquilhas. Muito em segundo plano, pode servir para refeições em comum.

24

Drama entre a consciência do dever moral e a fatalidade da queda. A rapariga apareceu ilegalmente grávida e, comprometida junto das amigas, justifica-se do volume da barriga não como gravidez mas porque germinou a batata doce que comeu no tempo das chuvas.

25

Humorismo satírico a um namorado avarento ou pelintra. Num meio social onde se desconhece a escrita, o namorado manda alguém buscar a sua namorada. Não vai longe o tempo, e ainda hoje esporàdicamente subsiste no meio não cristianizado, que os namorados se agasalhavam juntos na mesma esteira, um no corpo do outro (okulikondeka), sem a mais leve sombra de malévola intenção. Têm sentido de cavalheirismo e concretização de amizade umas prendas que é da iniciativa do namorado oferecer à sua namorada. Mas o namorado desta canção é um pelintra ou avarento e não tem nada para oferecer à namorada além de grosseiras ventosidades, prelúdio da defecação.

25

Mandou-me chamar	Wanumisile,
E de nada me presenteou;	Kangondele;
Só me deu uma ventosidade,	Wangonda efeya,
Irmã do excremento.	Mandja eniña.

26

Saboroso é o que comeste,	Tchipepa tchetchi walile,
Doloroso é o que sentiste.	Tchivala tchetchi wamola.
À aldeia onde não tenho minha mãe,	K'imbo kakuli mãyi,
Não irei com meu amigo.	Sipiti ko l'ekamba.

27

Não me perguntes onde sou casada.	Kumulemule okuele pi?
Sou mulher do jacaré,	Ndikuele ngandu k'elala.
Que mora nas furnas dos rios.	Waenda ko Ngangela, keya,
Foi a Ganda, não regressou ainda,	Ukanha wapita.
Já vai para um ano.	

28

Bumbumba que o jovem tocou,	Ombumbumba yasika ukuendje,
Fez-me saltar cá para fora;	Yanundisa p'osamua;
Deixei o velhote lá dentro,	Kakongo dosia v'ondjo,
Pestanejando a moribundo.	Kapakula otchipuapua.

29

	Daeka p'otchala,
Acostumei-me à esteira,	Ai we!
Não durmo no colchão.	P'ekulusiãu sipekela.

30

Se te zangas, também me zango;	Nda otema, lame ditema;
Ouve-me, batuque a batucar.	Hiti a ñoma otchindundũlu.
Não respeito a tua barba a charruar	Sisumbi ko l'ondjele.
Como a dum cão de raça.	Nd'ombua yo putu okusaluwala.

31

Amei-a	
E ela disse-me que não.	Ndoyonguile, katavele,
Quando chegou ao mercado,	Okuiya k'otchitanda,
Vendeu as ancas pelo pão.	Ombunda wayilanda ombolo.

26

Lamentação de um órfão. Só quem sentiu a dor de perder uma mãe sabe o que isso significa. Agora, eu órfão, não posso apresentar os meus amigos em casa, porque a madrasta não tem para eles o carinho com que os recebia minha mãe.

Generalizando: só quem sofre, sabe o que é sofrer.

27

Mulher casada assediada por um aventureiro irreverente. Ganda é uma terra, que aqui simboliza a ideia de longe. O jacaré está em vez do nome do marido que ela não deseja revelar a um estúpido, por respeito. Troçando o atrevido, responde ela que seu marido foi muito longe e estará de regresso talvez passado um ano. Não importa o tempo que ele demora; importa é o meu amor por ele.

28

A mulher apaixonou-se pelo cantar do jovem a tocar um instrumento de música. Fechou o velhote do marido em casa e saiu a escutar o jovem.

29

A esteira é cama de pobre. Quem dorme no colchão é o homem branco. O dormir no colchão relaciona-se com a ideia de a negra namorar um branco, o que é o mesmo que prostituir-se. Prefiro viver pobre a vender a minha honra.

30

Sátira da mulher contra o marido neura. O batuque a batucar é apenas enfático. Se tu, senhor marido, te zangas, não cuides que tenho medo de ti. Também me zango.

31

Situação psicológico-social que leva algumas mulheres a preferir a prostituição ao casamento. O rapaz pretendeu a rapariga, cuja fidalguia lhe negou o amor, mas acabando por se prostituir, quando chegou ao mercado.

32

Desisto do meu namorado:	
Sentou-se na cadeira de meu pai	
E, quando se levantou,	Ndutanguluka ukuendje watcho:
Deixou pegado um pouco de excre-	K'omangu yatate
[mento.	Wasia ko onaño.

33

Quando me namoravas,	Tchina wandjonguile,
Cortavas arbustos do caminho.	Wapuma isapa.
Agora que estou em tua casa,	Okuiya v'ondjo yove,
Preparaste-me um chicote.	Walumba osikote.
Vamos, leva-me à minha mãe.	Pongoloka,
	Tuende okanuale ku mãyi.

34

Tu, fidalga e peneirenta,	Ove olisole ndoto,
Hás-de parir numa caverna.	Okatchitila Veleva.
Visita-te o leão,	Ohosi yikusuüinha,
Dão-te água os leopardos.	Olongue viukutapela.

35

Cultiva com ela,	Lima lalio, haemo liteka.
Partir-se-á.	Kihã lae, haemo okalila.
Recusa o teu bebé aos amigos,	Kambinete kalinganãla,
Mas ele te há-de chorar.	Kalitutula v'uyombe.
A camioneta enganou-se,	
Foi de encontro a uma árvore.	

36

Grande azar, meus amigos!	Owima owo, akuetu!
Eu retinto, tu retinta,	Ame siõ, ove siõ,
Aonde foste buscar o encarnado?	Okusúka wavupa pi?
— Não te zangues, José:	— V'imo v'epia, a Suse,
A barriga é uma lavra.	Kukateme.

37

Não sei quem és tu,	Nda ovelie
Que deste hidropisia à minha mãe.	Waembili mãyi ongunge.
Vem cá ver.	Dotale,
Da hidropisia nasceu um filho.	Ongunge yatchita omola.

32

Sátira à falta de asseio do namorado. Quando este foi visitar a sua amada à casa dos pais, ofereceram-lhe a cadeira onde o pai costuma sentar-se. Ao levantar-se, porém, notaram que tinha ficado na cadeira um pouco de excremento.

33

Lamentos de uma casada com um brutamontes. Quando me namoravas, vencias todos os obstáculos para me encontrares. Agora que casaste comigo, deixaste de ser meiguinho e me tratas com rudeza. Devolve-me à minha mãe.

34

Escárnio contra uma mulher fidalga, altiva e orgulhosa. Numa sociedade onde não há parteiras e onde toda a assistência à parturiente é feita por familiares e amigas, esta será completamente abandonada e entregue ao cuidado apenas de feras.

35

Troça ao avaro que não empresta o que é seu aos outros. Isso que tens, estragar-se-á e os outros rir-se-ão de ti. Todos gostam de pegar num bebèzinho. Mas a mãe recusa-o aos outros. Ele há-de chorar e pode morrer. Repare no automóvel, que é muito lindo. Despistou-se e foi amachucar-se numa árvore.

36

Um casal todo de negros 100%. Contra tudo o que era de esperar, ela teve um mestiço (o encarnado). Para acalmar a fúria do desventurado marido, a lógica astuta da mulher busca a sua justificação à própria natureza. Compara o útero a uma lavra. Assim como numa lavra, e a terra é a mesma, é possível germinar a mais variada espécie de plantas, assim também um mesmo útero da mulher é capaz de produzir a maior variedade de espécies humanas.

37

O filhinho ainda pequeno, vê sua mãe grávida. Estranha a anormalidade e pergunta a razão por que tem a mãe a barriga dilatada. Responde-lhe esta que um malfeitor lhe passara uma hidropisia. A criança fica chocada de pena. Passado algum tempo, porém, nota que a mãe teve um irmãozinho!

38

Veio apenas para pedir,
Ei-lo aí colado.
Bem to dizia, amigo,
Ante a fome não há finura.

Waendelele okueya,
Watumala etengi.
Ndakutchipopele, avoyo,
Ondjala kayikuete ekuma.

39

Tchinguengue, meu marido,
Espera que te cumprimente.
— Cumprimentos são esses?
Eu vejo uma viúva
Que melhor tempera o manjar.

Veyange, Tchingenge,
Nalamele hulame.
— Onama nhe?
Ndilete otchimbumba
Onelekela tchasingua.

40

Amigo, não chores mais.
Confeccionei-te uma quinda,
Pari-te um filho.
Se inda me incomodas,
Dos teus andrajos
Faço uma blusa.

A kamba kukalile.
Okahumba ndakutungila,
Okamola ndakutchitila;
Nda wasakalaesa,
Ombuenge nditunga otchimoni.

41

Pequena é a nossa aldeia.
Se, um dia, pegamos em armas,
Expandimo-nos.

Okaembo ketu katito.
Eteke tulisanumula,
Tutanda ko.

42

Os da Tchiyaka são valentes,
Levam o sol na tipóia.

Vatchiyaka vakola,
Ekumbi valikapakapa vo wanda.

43

Kuikui, senhor Kuikui,
Deite-se fogo a Tchivanda,
O Bailundo volte os olhos a Tchiyaka.
Não capinamos,
Não cultivamos,
Apenas servimos Kuikui.

Kuikui we, Kuikui we yele;
Kuikui we, Kuikui we.
O Tchivanda tchende ondalu,
O Balundu yimbe ovaso vo Tchiyaka
Katusondjola,
Katulimi,
Tuvumbila Kuikui we.

38

As necessidades do estômago obrigam-nos a actos mais vergonhosos.

Quando a uma dona de casa falta alguma coisa: sal, água, lenha, etc. por desprevenção, manda ou ela própria vai pedir à vizinha o que lhe falta para a confecção da sua refeição. Assenta a tradição na solidariedade entre coaldeãos.

Mas é extraordinàriamente vergonhoso e vexatório alguém pedir comida a outrem. Neste caso, o que teria vindo apenas para pedir sal... encontrou os de casa a tomar a sua refeição. Sentou-se e puxou a conversa. Quando há fome, todo o prestígio desaparece.

39

Marido apaixonado por uma viúva. A mulher, vendo seu marido a caminho da rival, pede-lhe apenas uns momentos, pois lhe deseja falar. Mas ele não atende, pois a viúva trata-o melhor.

40

A grande importância que a mulher negra atribui ao facto de ter filhos. Pode faltar tudo em casa. Mas, se houver filhos, poderá ser o suficiente para justificar a alegria do lar. Onde faltarem filhos, mesmo que haja fartura, pode o lar desfazer-se. Dei-te filhos, Venâncio, por isso não tens nenhuma razão de queixa.

41

Cântico de guerra. Somos pequenos, mas, se um dia nos enfurecemos, alastramos pelo mundo inteiro.

42

A valentia do povo da Tchiyaka é tal, que levam o sol ardente aos ombros, na tipóia.

43

Outro cântico de guerra. O Bailundo prefere incendiar Tchivanda e guerrear a Tchiyaka a submeter-se a qualquer que seja. Único senhor que serviremos, é o nosso rei Kuikui.

44

Quando um hóspede chega,
Recebei-o,
Dai-lhe uma cadeira,
Em seguida, cumprimentai-o.

Ukombe nda weya,
Utambuli,
Waveli omangu,
Ufetiki okulama — kalungi.

45

Tu que criaste a noite,
Trouxeste morcegos na aldeia.
Tu que criaste o dinheiro,
Deste sofrimento às gentes.

Ove wakoka uteke,
Ove wanena olondilili v'imbo.
Ove wasovola olombongo,
Ove wanena ongongo v'omanu.

46

Ir a Portugal,
É bom para os novos.
Ir para a sepultura,
Fica bem para os velhos.

Ko Putu,
Kuwa l'ukuendje.
K'ondjembo,
Kuwa l'ekongo.

47

Lá por estares no mato,
Não te ponhas nu.
As árvores também são gente.

Nda okasi v'usenge,
Kukalipendosole.
Oviti omanu.

48

A esteira
Detesta o joelho;
A amizade
Detesta as dívidas.

P'otchalo panhale ongolo,
Ukamba vunhale okulevala.

49

Se és nobre da corte,
Teus amigos não desprezes
A corte é coisa que passa,
O saboroso é coisa que esquece.

Nda oli p'elombe,
Kukatombe vakuene,
Elombe lipua,
Tchipepa tchilimba.

50

Quem pisa fuba por fome,
Não seca a fuba ao sol.
Quem livra o próximo ao jacaré,
Não despe a roupa.

Ofulila ondjala kanhalãeha,
Opopela ukuavo k'ongandu
Kalulalula.

44

Cada roca com seu fuso e cada terra com seu uso. Enquanto outras civilizações primeiro cumprimentam o hóspede e só depois lhe oferecem a cadeira para se sentar, a tradicional deste povo segue outra lógica. Talvez partindo da ideia de que o hóspede deve chegar cansado da viagem, primeiro dá-lhe a cadeira e. só depois o cumprimenta.

45

Desce-se à raiz do sofrimento. Assim como a causa da presença de morcegos na aldeia é a noite, assim também o drama ardente do sofrimento humano se desencadeia em função do dinheiro.

46

Com a ilusão de que em Portugal a vida é bela, ir para Portugal significa viver bem, gozar a vida. Muito mais de sentir é a morte de um jovem que a de um velho. Lembra o ditado: «os novos podem morrer, os velhos devem morrer».

47

Por estares sòzinho, não dês largas aos teus maus instintos, praticando toda a imoralidade que te apeteça, pois há sempre quem te espie.

48

Pondo muitas vezes o joelho na esteira, ela acaba por rebentar. Nada mais comprometedor para romper a boa harmonia entre amigos, do que as dívidas que se não pagam.

49

Se hoje és grande, não te esqueças de que a grandeza passa. Por hoje seres feliz, não desdenhes os infelizes. A felicidade é coisa que passa.

50

Em princípio, seca-se primeiro a farinha de milho ao sol, para com ela se poder confeccionar o pirão. Mas quem a prepara porque lhe aperta a fome, não espera que a farinha seque. Assim também, quem se decide a arrancar o próximo atenazado pelo jacaré, não pensa em despir primeiro a roupa, mas atira-se com ela. E quem tiver intenção verdadeira de valer o próximo nas suas necessidades, não olha a condições.

51

Ao deixares a choupana,
Fecha a porta bem fechadinha;
Quem vai, pode um dia voltar.
Quando a raposa regouga,
Presta-lhe muita atenção.

Nda otunda omundo yila,
Vokuenda muli okutiuka.
Ombulu nda yilila,
Yevelela k'owolelo.

52

Boi viajado,
Nunca traz gorda a pata.
Hóspede que coma um ovo,
Foi a dona da casa que lho deu.

Ongombe yaendelela
Kayileli p'ekondjo.
Ukombe kali esaela,
Muele ondjo woliavela.

53

Despejou-se no chão a massambara,
O recolher nunca é completo,
É como a beleza dos panos.

Tchapeseka tchaluku,
Tchongolola kasuasua po,
Uwa w'olonanga.

54

Quem bateu a cabra,
Esqueceu-se;
O boi,
Mão espalmada sobre a boca,
Até hoje o sente.

Tchaveta hombo tchaevala,
Ngombe olikuete k'omela.

55

Capim capinado,
Volta a crescer.
Segredo segredado,
Há-de chegar aos homens.

Tchapumua tchiyunda,
Tchipopiwa,
K'omanu lokuyevala.

56

Mensagem da amada,
Deixou-me saudades.
Bichinho que entrou na toca,
Deixou-me pêlos na mão.

Tchatuma buale,
Tchasila ongeva.
Tch'okututu,
Tchasila ovonha.

51

Não desprezes as coisas de que hoje não precisas, pois podes vir a precisar delas. Escuta com atenção os conselhos mais insignificantes, como o simples regougar da raposa, que também tem sua causa.

52

Só em nossa casa, estamos completamente à vontade. Quer pelo principio de boas maneiras e quer pelo respeito da propriedade alheia, um hóspede terá os movimentos limitados, em casa amiga. Se alguém o vir a comer um ovo, foi a própria dona de casa que lho deu.

53

Oluku é um cereal, família da massambara (por isso preferi tomar este termo para uma adaptação um tanto forçada), de grãos cujo tamanho é quase um terço do do arroz. Em se despejando no chão, é impossível a sua recolha completa, pois grande parte se confunde na areia. Quando um mal está cometido contra alguém, é impossível a sua total reparação, pois boa parte fica de resíduo nos ressentimentos que a recordação não apaga. Velhos amigos que se tenham sèriamente ofendido, nunca a reconciliação os fará regressar à amizade antiga. Quando um tecido envelhece, nunca retomará a beleza de quando era novo. O melhor é ser-se cauteloso para não ofender a ninguém.

54

Quem ofende o seu semelhante, em breve esquece a ofensa cometida. Mas quem sofreu a ofensa, para todo o sempre sentirá a mágoa. O boi, que seria verdadeiro amigo da cabra e assistiu ao espectáculo, até hoje não esquece o que se passou.

55

Hoje cortamos o capim, amanhã volta a crescer. Segredo íntimo que apenas transmitimos aos amigos, chegará ao conhecimento de todos.

56

Assim como apenas lhe deixou um tufo de pêlos na mão o bichinho que se sumiu na toca, depois de tentar agarrá-lo, assim também o recado amoroso que a amada enviou, deixou-lhe uma nuvem de saudades no coração.

57

Quem colhe beringela do pousio,
Arranjou belíssimo conduto.
Quem casa com uma viúva,
Está bem casadinho.

Olusaka luotchipembe
Waluyunga okuete ombelela.
Okuela otchimbumba,
Wakuela muele.

58

Estar à vontade,
É ter família.
Alguém desmaiar,
É porque viu curandeiro.

Okulisandja,
Okumola epata.
Okuambuka,
Okumola otchimbanda.

59

Onde o coração vai batendo,
Nasceu urso formigueiro.
Por que o lagarto meneia a cabeça,
É segredo do seu coração.

Papupola utima
Peya ondjimbo.
Tchivangokaela kokolo,
Tchili k'utima wamuele.

60

Não me batas, rapaz,
O pomar é de cana.
Não me batas,
Muito sofro eu na vida.

Okuendje kukambete,
Otchumbo tch'omandela.
Kukambete, ndenda ongongo.

61

Fica,
Vou com minha irmã;
Irmã alheia
Faz apenas chorar.

Siala,
Genda lã mandjange;
Mandja male
Okoka okulila.

62

Minha mãe morreu,
Senti-o!
Não me insultes,
Manda-me para o cemitério.
É triste viver com madrasta:
Serviu-me na escudela de pau.
Quando irei para junto de minha mãe?
O que anda o coração,
Não no anda a perna...

Mãyi wafa,
Otcho tchambala!
Kunuke, nume k'eyambo.
Akome ina male ovala:
Wandikapela p'otchilindo.
Teke liei ndenda ku mãyi?
Tchenda utima,
Kulu katchendi.

57

Valor infinito tem o casamento com uma viúva que nos dê a felicidade matrimonial, do que uma suposta donzela que nos imerja na tristeza e dor. Se tomas uma decisão útil à tua vida, fecha os ouvidos à estupidez do mundo mal intencionado.

58

Quem não tem família, não procura mimos. Quem não tem médico, não se queixa do que padece. Torna duro o teu coração, que se deve adaptar à dor da vida, pois lamentá-la a estranhos não te traz vantagem absolutamente nenhuma.

59

No sítio onde o coração vai batendo, de tanto cismar, cresceu uma protuberância tão grande como um urso formigueiro. Tudo tem sua razão de ser. Não é por acaso que o lagarto bate com a cabeça encarnada no chão. Se notares a melancolia no rosto de alguém, alguma dor lhe vai na alma.

60

Como a condição da vida dedignifica a natureza humana e vai de encontro aos princípios morais da nossa consciência. A rapariga roubou cana ao pomar de um rapaz, que a surpreende em flagrante, o que é duplamente penoso. Envergonhada pelo facto de ser ladra e comprometida no pudor feminino, suplica: moço, não me castigues. Foi a miséria da vida que me obrigou a tanto.

61

São dois amigos. Um deles apaixona-se pela irmã do amigo. Quer passear com ela para matar saudades e senti-la de perto. Mas o irmão e a família negam-lhe essa consolação. Desiludido e magoado, resigna-se então a ir passear com a sua própria irmã, pois não encontra compreensão na família estranha.

62

Um órfão que chora a sua dor. Em substituição dos mimos da sua mãezinha, apenas lhe choca o ódio e a crueldade monstruosa da madrasta, que dia a dia o insulta por tudo e por nada e lhe serve a comida numa escudela de madeira, enquanto aos seus filhos serve nos melhores pratos. Se a perna chegasse aonde chega o seu coração, estaria junto de sua mãe.

63

Não quero, não caso mais:
Triste é ser-se viúva.
Fantasma pediu-me fogo
E morte pediu-me a vida.

Sikuata ko sikuela vali,
Okuenda umbumba kuvala.
Tchilulu tchandomba ondalu,
Kalunga wandomba omuenho.
Elongo we! elongo!

64

Bem o tínhamos dito, fujamos,
Somos geração de compra e venda.
Mãe que me trouxeste ao mundo,
Vem cá ver:
Estou partido como uyombe,
Reclinado sobre o joelho.

Tuatchipopaele, tutile,
Tumbuto yokulandiwa.
Mãyi wanhita, ndotale,
Ndatekateka nd'uyombe,
Ndanhoñamela k'ongolo.

65

Quem ficou no mundo
Não cria filho doutrem.
Boizinho, anda.

Wasala k'omuenho
Katekula omola okuavo.
A gombe, enda.

66

Deus não tem amigos,
A morte desconhece o miserável.
Para aonde irei, depois da morte?
Irei vaguear de galho em galho.

Pamba kali lu asole,
Kalunga ke omulungu.
Eteke difa denda pi?
Dikañualañuala ko longandja.

67

— Onde está meu pai?
Onde está minha mãe?
— Foram à fonte,
Foram buscar água.
— Onde fica a fonte?
— Foram e não querem voltar...

— Tate olipi? mãiy olipi?
— Vakatapa.
— Vakatapa pi?
Vakatapa, kavatava okuiya...

63

Para se vir a enviuvar, não merece a pena casar. O pedir fogo é tradição de solidariedade entre coaldeãs. Ao romper da manhã, é a mulher a primeira a saltar da cama, direitinha para a cozinha (quando existe), não exactamente para confeccionar o matabicho, simbólico em geral, mas para preparar o fogo a levar aos campos. Se encontra o braseiro de véspera apagado, vai pedi-lo à vizinha. No sentido da canção, porém, o pedir fogo é pretexto para namorar a viúva. O ser viúva é tão expôr-se ao apetite de todos os homens, que até o fantasma lhe foi pedir amor.

64

Sentimento reportado à escravatura. Uyombe é uma árvore, fácil de vergar à violência do vento. O criador desta canção, arqueado como uyombe pelo sofrimento, debruça-se sobre os joelhos a pensar no significado da vida.

65

Descrença na solidariedade humana, som opaco para lá de eloquências ilusórias, absurdo desconcertante na aliança entre a doutrina e a prática.

O boizinho simboliza uma criança, órfã de pai e mãe que, por sua vez, simboliza qualquer indivíduo no meio da luta pela existência.

Qualquer criança, antes de começar a andar, são os adultos que a ajudam. Mas tu, boizinho, que não tens pai nem mãe, não esperes que a virtude inoperante dos homens te venha ensinar a andar. Anda por ti próprio.

66

Aceita-se a fatalidade incondicional da morte, igualmente para todos os homens. Nem sequer perdoa os que já muito sofreram nesta vida. O céu e o inferno são ideias menos vulgares. O castigo e a recompensa experimentam-se já nesta vida com doenças e outros males. Mas a vida para lá da morte continua com o espírito. E de que modo? Várias respostas. Para este cançonetista, o nosso espírito andará errante através das florestas.

67

O órfão de pai e mãe pergunta aos homens: — Onde estão os meus pais? E os homens, intencionando iludir a ânsia do pequeno, disfarçam: — Foram à fonte buscar água. Mas a desesperada saudade do pequeno insiste: — Indiquem-me onde fica a fonte, para eu ir de encontro a eles. Os homens, embaraçados, respondem: — Foram e não querem voltar.